SERÁ A DOR DA FOME UM ITINERÁRIO CATEQUÉTICO? A CAMPANHA DA FRATERNIDADE E A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

*Prof. Dr. Albio Fabian Melchioretto*

[*orcid.org/0000-0001-8631-5270*](https://orcid.org/0000-0001-8631-5270)

A Campanha da Fraternidade (CF) é uma iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que ocorre anualmente desde 1964, visando promover ações de reflexão e ações concretas que contribuam para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e fraterna. O tema escolhido é trabalhado durante todo o ano com ênfase na quaresma, por meio de debates, reflexões, encontros, celebrações e outras ações. Em 2023, a proposta da CF é a fraternidade e a fome, com o lema "dai-lhes vós mesmos de comer" (Mt 14,16).

Diante deste contexto objetiva-se questionar, de que forma a CF-23 contribuirá na reflexão da Iniciação à Vida Cristã?

A CF trata pela terceira oportunidade o tema da fome. A primeira vez ocorreu em 1975, com o tema "Fraternidade é repartir", em clima do Congresso Eucarístico de Manaus e em plena ditadura militar; a segunda foi em 1985, em preparação ao Congresso Eucarístico de Aparecida, no ano que marcou a redemocratização do país. Agora, na extensão do Congresso Eucarístico de Recife, a CF-23 volta a discutir a fome em um contexto de mundo que se reergue após a crise provocada pela COVID-19. Em todas as campanhas há a ligação do flagelo da fome com o problema da miséria, e a Eucaristia, como caminho da comunidade para superação.

O problema tem raiz em condições sociais. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE) mostram que a pobreza no Brasil se agravou após o golpe contra Dilma Rousseff (2016). No final de 2022, cerca de 58 milhões de brasileiros estavam em situação de insegurança alimentar, número quatro vezes maior do que em 2016. Em 2014, o país havia deixado o mapa da fome, mas atualmente, com 19 milhões de pessoas passando fome, retornou a essa grave situação. É inadmissível que o Brasil, um dos maiores produtores de grãos do mundo - responsável por 8% da produção global, tenha irmãos passando fome.

A fome causa dor, e durante a quaresma vive-se a experiência da dor. Mas, em ambos os casos, fala-se da mesma dor? Jesus Cristo assumiu a nossa condição humana em tudo, exceto no pecado (Hb 4,15). Em Cristo, redimensiona-se a experiência dolorosa do sofrimento na própria vida, e na quaresma, potencializa-se essa reflexão na Via-Sacra. Diante do sofrimento de Cristo, que entregou sua vida por nós, vivia-se um Jesus tão humano que não mediu esforços para ajudar a humanidade (cf. Jo 15,13).

As nuanças da dor permitem pelo menos dois caminhos: a experiência negativa que pode causar sofrimento físico ou emocional e a maneira como se lida com ela pode ser um meio de cultivar virtudes como a paciência, a perseverança, a humildade, a compaixão e a solidariedade.

Ao longo da história, vários filósofos trataram da dor, como objeto de reflexão. Epicuro (1985), filósofo grego (340 – 271 a.C.), defendia que o objetivo da vida era buscar o prazer e evitar a dor. Ele acreditava que a dor física era pior do que a dor emocional, e que a melhor forma de lidar com ela era, evitando situações que a causassem. Fugir da dor acima de tudo. Para o alemão, Arthur Schopenhauer (2015), século XIX, via a dor como uma parte inescapável da existência humana. Ele acreditava que a vida era um constante desejo insaciável que nunca poderia ser plenamente satisfeito, e que a dor era uma consequência inevitável desse estado de insatisfação. A dor é parte do itinerário humano.

O também alemão, Friedrich Nietzsche (2019), também do século XIX, via a dor como uma fonte de crescimento e superação. Ele acreditava que a vida era uma constante luta contra o sofrimento e que, ao superar a dor, o indivíduo podia se fortalecer. E, na atualidade, a filósofa americana, Martha Nussbaum (2013), escreveu extensivamente sobre a dor e sua relação com a empatia e a justiça. Ela argumenta que a dor é uma experiência humana fundamental que pode ser usada para conectar as pessoas e promover a compaixão e o cuidado mútuo.

Tratar da dor é um mergulho na multiplicidade. Afirmar que a dor é uma virtude, parece um tanto complicado. A dor não é uma virtude em si, mas pode ser um meio de cultivar virtudes ou expressá-las. A virtude é entendida como um hábito bom e estável, que nos ajuda a agir conforme a razão e a moralidade. A dor é uma condição incômoda. A dor da fome é um estado de permanente inquietude, tanto do corpo, quanto da alma. Simultaneamente, quando se lida com ela, como defende Nussbaum, ela, a dor, conecta as pessoas numa tentativa de se promover justiça social.

E talvez agora, há um terreno para responder à questão que se propôs ao longo do texto. A CF é uma reflexão para a conversão da comunidade (cf. CNBB, 2022, p. 13), e não tem o desejo de potencializar a dor como virtude, ou um fim, na própria ação de sentir dor. A reflexão, dada a partir do texto de Mateus (Mt 14,13-21) é um convite, para uma ação de comunidade a fim de superar o flagelo da fome através da vivência da comunidade por meio da partilha. O itinerário proposto não é da potencialização da dor da fome, mas da criação de estratégias que leve a uma conversão, primeiro pessoal, para na sequência converter a comunidade.

Então para pensar a dor como um itinerário de vivência em práticas da Iniciação à Vida Cristã, recomenda-se:

* refletir em torno do fim da produção de alimentos como negócio exploratório, para girar em torno da alimentação e não do agronegócio;
* superar a cultura do descarte e do consumo, amplamente discutido na *Laudato Si* (PAPA FRANCISCO, 2015), transformando o consumo de alimentos como necessidade humana e não como entretenimento;
* racionalizar práticas e experiências fraternas e solidárias de economia na vida da comunidade (PAPA FRANCISCO, 2022) .

A dor da fome é o grito do pobre em favor dos outros pobres. É o grito que clama por uma relação de empatia a fim de produzir justiça social. E a necessidade de justiça, não é um movimento que nasce das esferas de controle político para o povo, mas é o caminho inverso, que brota da comunidade em direção às esferas. Foi a formação da comunidade que trouxe efeito prático para o imperativo, “dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16).

# REFERÊNCIA

CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Campanha da Fraternidade 2023: manual**. Brasília: Edições CNBB, 2022.

EPICURO. **Antologia de textos**. 3 Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os pensadores).

PAPA FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato Si do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum**. Brasília: Edições da CNBB, 2015.

\_\_\_\_\_\_. **VI Dia Mundial dos Pobres**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20220613-messaggio-vi-giornatamondiale-poveri-2022.html>. Acesso em: 22 out. 2022.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia de Bolso, 2019. (Coleção das obras de Nietzsche).

NUSSBAUM, Martha Craven. **Fronteiras da justiça**: deficiência, nacionalidade, pertencimento à espécie. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. (Biblioteca jurídica WMF).

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: Ed. UNESP, 2015

Blumenau, 21 de fevereiro de 2023.

E-mail para contato: [albio.melchioretto@gmail.com](mailto:albio.melchioretto@gmail.com).